

A morte de Artemio Cruz e o segundo nascimento de Emiliano Zapata

Graziano Uchôaⁱ

RESUMO: Refletindo a partir da argumentação do historiador mexicano Edmundo O’Gorman, de que a invenção é algo construído, uma “atribuição de ser”, pretendemos refletir como é possível interligar algumas angústias do personagem de Fuentes a uma base “real”, sendo aceitável pensar como a Revolução Mexicana (1910) ocorreu através dos olhos de Artemio Cruz (personagem idealizado por Carlos Fuentes). Em seguida pretendemos discutir como a Revolução Mexicana tem sido “inventada” por movimentos sociais mais contemporâneos, a exemplo do Movimento Zapatista, implicando na construção de um imaginário, logo, de algo que podemos chamar de realidade.
Palavras-chave: Zapatismo, Realismo Maravilhoso, História e Literatura.

Para a elaboração deste ensaio, nos debruçaremos sobre a obra de Carlos Fuentes, intitulada *A morte de Artemio Cruz*. Ao longo de nosso texto, pretendemos refletir como é possível interligar algumas angústias do personagem de Fuentes a uma base “real”, sendo aceitável pensar como a Revolução Mexicana (1910) ocorreu através dos olhos de Artemio Cruz (idealizado por Carlos Fuentes), e como a personagem foi “inventando” o processo a partir de suas experiências, de suas memórias.

Em seguida pretendemos discutir como a Revolução Mexicana tem sido “inventada” por movimentos sociais mais contemporâneos, a exemplo do Movimento Zapatista. É partindo da reivindicação que o movimento faz da figura de Emiliano Zapata que pretendemos apontar o que chamamos de base “real”, entendemos realidade como um conjunto de representações formado por determinado coletivo, implicando na construção de um imaginário, logo, de algo que podemos chamar de realidade.

Nota-se que o espaço do contexto supracitado é a América. Refletindo a partir da argumentação do historiador mexicano Edmundo O’Gorman, de que a invenção é algo construído, uma “atribuição de ser”. Diferente de uma concepção que a América sempre foi e sempre será a América, nosso intuito, é observar como no processo de formação do que seria uma “América Latina”, os atores sociais que escolhemos, puderam partilhar certo discurso. Poderemos observar certos enunciados que foram sendo apropriados em momentos

dísparos e criaram certas percepções do que é uma identidade latina americana, seja na literatura, seja nos movimentos sociais.

Aqui nos parece interessante abordar qual seria a proximidade da História e da Literatura. Diga-se de passagem, essa discussão é bastante ampla e muitos autores já contribuíram com a mesma, o que não é o foco deste ensaio, no entanto, nos parece importante ponderar algumas questões que nos ajudaram a construir nossa argumentação.

Achamos que é plausível pensar a História como conhecimento que é construído através das representações do passado, que podem ser ressignificadas, apropriadas, criando novas possibilidades através das fontes documentais e de quem as interpreta. Segundo Georges Duby, a História Cultural estuda dentro de determinada realidade, os “mecanismos de produção cultural”. O que há de intenção e o que provoca uma forma de produção de sentidos. A ideia de “apropriação” é colocada como a “maneira de utilizar os produtos culturais”. As narrativas, sejam históricas ou literárias, constroem determinada representação da realidade, toda essa discussão é feita de maneira bastante interessante por Valdeci Rezende Borges em seu artigo intitulado *História e Literatura: algumas considerações* de onde colhemos a argumentação supracitada (BORGES, 2010, p.94-95).

A relação entre História e Literatura, pode ser resolvida no campo epistemológico, como nos descreve Sandra Pesavento. Segundo a autora ambas são “formas de explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro” (PESAVENTO, 2005, p.81). São formas de narrar e apresentar os sentimentos de determinada época, no entanto, não podendo ser descartado o devido distanciamento que deve haver entre as formas narrativas, a História guiada por uma ficção atinada, controlada pela relação que estabelece com seu objeto, tem o compromisso de uma “verdade”, que se aproxime o mais possível do pretérito.

Com isso, ampliamos o campo da História, admitindo, ou melhor, nos apropriando das construções literárias. Isso, não implicará em uma hierarquia, colocando essa ou aquela ciência em segundo plano. Os resultados disso são as possibilidades de analisarmos determinadas representações através de uma seleção de perguntas que irão nortear o trabalho do historiador, para isso

apontamos a necessidade de um método específico na construção da narrativa histórica.

A obra não se desliga do lugar onde foi construída. Nem é possível não relevar o lugar do autor, de onde escreve e se está ligado a alguma instituição. Aqui temos como interesse colocar o leitor a par do “lugar social”, pensando que Carlos Fuentes - assim como indicava Michel de Certeau – construiu sua narrativa falando de determinado contexto em que estava inserido e ainda mais, sua preocupação em utilizar determinado procedimento em sua escrita.

Claro que Carlos Fuentes, não está preocupado com o que aqui nos ocupamos neste ensaio. O tempo da narrativa de Fuentes não é o mesmo da narrativa do historiador. Por isso o que nos chamou atenção durante a leitura da obra, não era a questão da forma, mas sim o tempo da escrita. Como através do autor e da construção de suas personagens, podemos ver traços dos momentos históricos em que a obra estava inserida, influenciando de maneira interessante as escolhas do autor.

Cabe situar Carlos Fuentes como participe da escola literária conhecida como *realismo maravilhoso*. Essa ideia ganhou força com o romancista cubano Alejo Carpentier, como iniciativa que pretendia criar uma identidade para a literatura da América Latina, e que ao mesmo tempo rompesse com a literatura fantástica europeia e com seus padrões. O estilo de escrita, e também de como a narrativa é construída difere-se totalmente dos padrões europeus, o que caracteriza um modo específico, algo que possa se chamar de literatura latina americana.

É possível observar, que o estranho, o irreal aparecem como constitutivo do cotidiano. Não como algo surreal, mas, com uma ligação muito forte com as angústias, anseios, paixões, com algo que aponta para uma atitude frente à determinada realidade. Alguns nomes aparecem como tendo suas obras enquadradas na concepção do realismo maravilhoso, ou realismo mágico. O que é bastante interessante, é que os autores identificados dentro dessa escola literária, ou movimento literário (não nos deteremos a diferenciação entre escola e movimento mesmo sabendo de sua importância), são sujeitos ligados aos países de língua espanhola.

Isso deu uma característica *sui generis* à iniciativa e que, por conseguinte, exclui a participação de outros a exemplo do Brasil (já que um

ponto que unia esses autores é a língua espanhola). Os autores que aparecem como referências do *real maravilhoso* são: Gabriel Garcia Marquez (Colômbia), Mario Vargas Llosa (Peru), Julio Cortázar (Argentina) e os já citados Alejo Carpentier (Cuba) e o autor que mais nos interessa neste momento que é Carlos Fuentes (México).

Essa corrente literária ganhou expressão durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Faz necessário apontar o período em que essa movimentação ocorreu, exatamente em tempos de Guerra Fria, cenário amplamente mostrado em outros trabalhos e que sem dúvida aparece como um momento decisivo para mudanças. Em especial, porque a disputa entre os projetos políticos que apareciam a nuclear o mundo, colocavam uma possibilidade não muito ampla de enquadramento no jogo político da época: ou apoiando os EUA ou a URSS.

Um acontecimento foi basal para a tomada de iniciativa desses autores, o episódio ao qual nos referimos é a Revolução Cubana de 1959, o que levou os romancistas ligados ao *real maravilhoso*, a pensar na função social de suas obras. Nas palavras de Alejo Carpentier o papel dos romancistas latino americanos eram o de: “ocupar-se desse mundo, desse pequeno mundo, desse grandíssimo mundo, é a tarefa do romancista atual. Entender-se com ele, com esse povo combatente, criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo”. Em suma, era preciso que existisse algo que parasse de pensar a literatura com os padrões europeus, e houvesse um intento de construir uma leitura da América Latina pelos latinos americanos.

Com isso, os romances desses escritores, começaram a alcançar uma difusão que antes não era pensada para autores desta parte da América. O chamado “*Boom literário*”. Ao que nos parece esse fenômeno, não esteve ligado apenas ao campo comercial, mas como já dizemos anteriormente, a preocupação desses autores com o campo social os levou a apoiarem decididamente os projetos socialistas da época. Em especial Revolução Cubana. Adriane Vidal Costa cita um trecho de uma fala de Gabriel Garcia Marquéz que parece sintetizar essa ideia:

A grande importância cultural de Cuba na América Latina foi servir como uma espécie de ponte para transmitir um tipo de literatura que existia na América Latina há muitos anos. Em certo sentido, o *boom* da literatura latino-americana nos Estados Unidos foi causado pela Revolução Cubana. Todos os escritores latino-americanos dessa

geração já vinham escrevendo há vinte anos, mas as editoras europeias e norte-americanas tinham muito pouco interesse neles. Quando a Revolução Cubana começou, houve, subitamente, um grande interesse por Cuba e pela América Latina. A revolução virou um artigo de consumo. A América Latina entrou em moda. Descobriram que existiam romances latino-americanos suficientemente bons para serem traduzidos e equiparados ao resto da literatura mundial. (APUD COSTA, 2001, p.01-02).

Um grupo que criou uma rede, com o objetivo de caracterizar uma identidade. É assim que podemos observar os principais escritores do *boom*. Nos bastidores, os autores eram amigos. Ainda utilizando informações retiradas do artigo de Adriane Vidal, a última reunião ocorreu em 1971, momento em que aconteceu uma cisão entre os membros do grupo. Em função do chamado “caso Padilla” (o autor Heberto Padilla tecia críticas ao regime cubano e acabou condenado a prisão), as opiniões ficaram divididas, parece que aqui o governo revolucionário e o projeto de alguns intelectuais não podiam mais andar juntos. Vargas Llosa rompe com Cuba enquanto Gabriel Garcia Márquez permaneceu fiel a Fidel Castro.

Em entrevistas mais recentes, é possível perceber que a opinião de Carlos Fuentes sobre o regime cubano também sofreu grandes mudanças, não foi o Llosa o único a romper com o castrismo:

Todos recebemos a Revolução Cubana com alvoroço. Na queda de [Fulgencio] Batista, eu cheguei a Havana antes de Fidel Castro, num avião vindo do México, e celebramos muito o feito. Mas em um momento em que Neruda e eu fomos a Nova York a uma conferência do PEN Club e fizemos um apelo para que, à parte os problemas da Guerra Fria, houvesse uma maior relação cultural entre os países do leste comunista e os países democráticos. Fizeram uma carta com cem escritores, encabeçada por Fernández Retamar [poeta cubano], nos condenando e chamando de imperialistas, que a guerra, a guerra era contra os EUA e não havia opções. Ai eu disse que, com [Roberto] Fernández Retamar à frente da cultura cubana, eu não iria mais a Cuba. E assim continuou. Não vou. (FUENTES, Entrevista folha de São Paulo, 2012).

Ao que nos parece, é interessante ressaltar essas falas, para indicar que assim como houve uma mudança na ideia de “invenção” da Revolução Mexicana e seu processo por Artemio Cruz, assim aconteceu no campo real com seu criador, Carlos Fuentes. Guardadas as devidas proporções nessa comparação, tanto a História como a Literatura, mostram facetas humanas e

sem dúvida uma que é importantíssima para a construção de nosso trabalho, a possibilidade de mudança. Passamos a análise da obra.

Um homem, de setenta e um anos de idade que se encontra a beira da morte. É assim que Carlos Fuentes idealizou o protagonista de sua obra “*A morte de Artemio Cruz*”. Vivenciando uma situação de fragilidade frente a algo inevitável para todos nós - a morte - Artemio busca uma fuga de tal certeza humana e refugia-se em seu passado, nos levando, através de sua memória, a uma viagem de vários momentos de sua vida.

A narrativa construída por Carlos Fuentes foge dos padrões. Não se prende a uma linearidade e encontra níveis de consciência, tempo e espaço todos sobrepostos.

Na leitura da obra, é possível identificar uma variedade de vozes narrativas que constroem esses últimos momentos da vida da personagem.

Segundo Hernan Vidal, em *el modo narrativo em la muerte de Artemio Cruz de Carlos Fuentes*, a ordem narrativa do romance pode ser descrita da seguinte forma:

Así surge la distintiva ordenación de los capítulos de la narración: un *yo* que percibe en su conciencia la realidad física propia y externa simultáneamente con el desarrollo de esa realidad en el tiempo; *yo* que luego se convierte en *tú*, objeto de observación; *tú* que a su vez se transforma en un *él*, objeto colocado a una distancia de observación más lejana en el tiempo, por ser ubicado em la vida pasada. (VIDAL, 1976, p.303).

A representação de um mundo pessoal está limitada a capacidade do narrador protagonista e de sua capacidade ante ao mundo que o rodeia. Pelo menos era para ser assim. Vidal nos chama atenção para um *supra-yo*, que é onisciente e encontra-se acima do eu, tu e do ele, e é com esse artifício que é possível assegurar uma representação externa da consciência de Artemio Cruz. O que nos faz de alguma forma compreender as decisões tomadas pela personagem.

A história da vida de Artemio é contada desde sua mais tenra idade. Ainda não preparado para dura realidade, aparece em sua infância como um garoto vivendo numa pobreza, porém alguém com um olhar encantado com as miudezas de sua existência. A reviravolta ocorre, quando descobrimos que Artemio é filho bastardo de um inescrupuloso senhor de terras do México. Criado então, por Lunero, que ao longo do romance é revelado ser seu tio

materno, Artemio, desperta para o mundo, quando vê a possibilidade de separar-se de Lunero. O desfecho desta parte é trágico: para proteger Lunero, Artemio acaba matando seu tio paterno Pedro, que era o patrão de Lunero. A partir daí já não há mais espaço para uma vida tranquila, aos treze anos, Artemio Cruz começa sua longa caminhada pelo mundo.

Durante sua juventude, tem contato com o professor Sebastián que o colocara em contato com as ideias da Revolução Mexicana. Sem saber ao certo o que o impulsionava a lutar, Artemio Cruz aparece ora lutando pelas forças vielistas, e logo depois defendendo as forças de Carranza. Ao fim da Revolução, Artemio vai atrás da família de Gonzalo Bernal.

Gonzalo Bernal é um jovem crítico, e aparece em um episódio que Artemio Cruz, então defendendo o exército de Carranza, é preso pelo exército de Pancho Villa.

Bernal e Cruz são presos juntos. Pertos de serem condenados a morte, Gonzalo Bernal tece uma crítica ferrenha aos rumos que a Revolução Mexicana tinha tomado. Enfurecido, Artemio que até agora não tinha encontrado realmente o sentido por que lutava, vê sua consciência refletida nas críticas do jovem Bernal.

Ao fim, Artemio sobrevive, no entanto Gonzalo morre. O protagonista então se junta à família de Bernal após a Revolução. Casa-se com Catalina, com quem constituiu uma típica família de elite. O que vemos a partir desta parte já não é mais um discurso revolucionário. O México, no período de Porfirio Díaz, renova a antiga ordem da elite, a Artemio Cruz, agora unido à família Bernal, que tinha posses e certo prestígio, resta usar o discurso de reforma agrária para aumentar sua influência e seu poder sobre os mais fracos. Agora Artemio não é mais o jovem revolucionário, que durante parte de suas memórias sonha com uma vida terna e cheia de verdadeiro amor.

O grande dono de terras torna-se dono de jornal, deputado. Com amantes e um casamento destruído, ao fim, Artemio já não tem mais nada a não ser suas lembranças. Perde seu filho Lorenzo em quem depositava suas esperanças, ao seu lado em seu leito de somente pessoas interessadas em seu dinheiro.

A relação estabelecida entre o fato histórico que é a Revolução Mexicana, e a obra de Carlos Fuentes, é lembrada no clássico livro de Eduardo

Galeano *As veias abertas da América Latina*, em um capítulo que tem o emblemático nome de *Artemio Cruz e a segunda morte de Emiliano Zapata*, segundo Galeano:

O romancista Carlos Fuentes reconstruiu, a partir da agonia, a vida de um capitão do exército de Carranza que vai abrindo caminho, a tiros e com astúcia, tanto na guerra como na paz. Homem de origem muito humilde, Artemio Cruz vai deixando para trás, com a passagem dos anos, o idealismo e o heroísmo da juventude: usurpa terras, funda e multiplica empresas, faz-se deputado, sobe em sua brilhante carreira rumo aos cumes sociais, acumulando fortuna, poder e prestígio, com base nos negócios, subornos, especulação, grandes golpes de audácia e repressão a sangue e fogo da indiada. O processo do personagem parece o processo do partido que, grande impotência da Revolução mexicana, virtualmente monopoliza a vida política do país em nossos dias. Ambos caíram para cima. (GALEANO, 1994, p.85).

O romance *A morte de Artemio Cruz*, não faz sentido, se ao lê-la, o leitor não despender um tempo razoável a fim de conseguir situar o pensamento de Artemio dentro do contexto social da Revolução Mexicana. A produção cultural (romance) tem um cenário definido, que ao nosso entendimento, merece mesmo que de maneira a mostrar somente o superficial, uma descrição nesta parte do trabalho.

Contra a elite agrária mexicana e seu poderio, ocorre à organização de um grande movimento armado, que tem início em 1910 com uma rebelião liderada por Francisco Madero. Este último irá levantar-se contra Porfirio Diaz, governante do México que a mais de 30 anos encontrava-se no poder. Nessa conjuntura, Madero aparecia como sendo uma boa opção, a população então apoia a retirada de Porfirio Diaz do poder. Assume como governante do México, Francisco Madero, com a promessa de fazer a tão sonhada Reforma Agrária.

No entanto, as promessas não foram cumpridas e a vida dos trabalhadores do campo em nada melhorou. Os camponeses do sul, liderados por Emiliano Zapata, começam a organizar um exército popular, ao norte outro personagem, Pancho Villa, ambos defendendo uma radical reforma agrária.

Neste contexto, a organização de um exército popular, incomodava não só ao novo governo de Madero, mas também ao seu vizinho os Estados Unidos. A situação agrava-se ainda mais com a deposição e o assassinato de Madero em 1913. Em seu lugar assume Vitoriano Huerta, que foi apoiado pelos

correligionários de Porfirio Diaz. Com Huerta no poder, a revolta popular aumentou ainda mais, desencadeando um movimento constitucionalista. Em 1914, no lugar de Huerta, assume Venustiano Carranza.

Para garantir o sucesso de Carranza no poder, os EUA não demorou a dar seu apoio, segundo Galeano:

O longo tempo da guerra foi também um período de intervenções norte-americanas contínuas: os marines tiveram a seu cargo dois desembarques e vários bombardeios, os agentes diplomáticos urdiram conjuras políticas diversas e o embaixador Henry Lane Wilson organizou com êxito o crime do presidente Madero e seu vice. As mudanças sucessivas no poder não alteravam, em todo o caso, a fúria das agressões contra Zapata e suas forças, porque elas eram a expressão não mascarada da luta de classes no fundo da revolução nacional: era o perigo real. Os governos e os jornais bradavam contra “as hordas vandálicas” do general de Morelos. Poderosos exércitos foram enviados, um atrás do outro, contra Zapata. (GALEANO, 1994, p.89).

Em 1919 Emiliano Zapata é assassinado, e em 1923, Pancho Villa teve o mesmo destino. Os nomes mais conhecidos da Revolução Mexicana foram os que impulsionaram uma perspectiva mais combativa no processo revolucionário. As terras tomadas pelo exército revolucionário são distribuídas aos ex-combatentes, em 1929 é criado o Partido Nacional Revolucionário (PRN), resultado da junção das diversas correntes revolucionárias. O PRN foi à base para a construção do Partido Revolucionário Institucional (PRI), criado em 1946. O PRI manteve-se no poder até o ano de 2000.

Assim, concordamos com o que foi colado por Eduardo Galeano. A obra de Carlos Fuentes, e o protagonista Artemio Cruz, estão ligados aos rumos que a Revolução Mexicana tomou. O processo pós-revolução, mostrou que as escolhas feitas por Artemio Cruz, estão dentro de um campo social, estabelecido pelo jogo político da época e que eliminou qualquer pauta revolucionária, levando o PRI no México, assim como a Artemio, a reforçarem as desigualdades vividas no país, de forma tão cruel quanto os porfiristas.

Carlos Fuentes nos possibilita com sua obra uma visão desencantada do processo revolucionário mexicano e do contexto pós-revolução. E nos leva a pensar inclusive sobre a reivindicação do Movimento Zapatista em Chiapas, questão política contemporânea. Vimos, como através de determinado ponto de vista, é possível estabelecer, ou “inventar” um discurso. Representações do

passado mexicano podem ser vistas, com nostalgia ou desencantada como Carlos Fuentes fez com o personagem Artemio Cruz, ou pode se escolher olhar para frente, e novamente “inventar” novos discursos, assim como veremos a versão do Movimento Zapatista. Se em algum momento vimos Artemio Cruz e a segunda morte de Emiliano Zapata, vejamos agora Artemio Cruz e o segundo nascimento de Emiliano Zapata.

Durante a escrita desse trabalho, uma das obras utilizadas para pensar o contexto histórico da Revolução Mexicana, foi a de Eduardo Galeano *Veias abertas da América Latina*, cabe lembrar, que uma das mais ferrenhas críticas feitas ao trabalho de Galeano, parte do filho de um dos nomes mais importante do movimento *real maraviloso*, Mario Vargas Llosa, seu filho é Álvaro Vargas Llosa que na obra *Manual do perfeito idiota latino americano*, não mede esforços para pontuar a debilidade da visão de esquerda, segundo o autor, *Veias abertas da América Latina*, pode ser considerada a “bíblia dos idiotas”.

Resolvemos pontuar o conjunto supracitado, para tentar entender as visões construídas sobre a América Latina, colocando que o modo que se “inventa” a América Latina depende do lugar social, e ainda, que a construção que se faz intimamente ligada com a apropriação das representações que o indivíduo faz.

Olhando a obra de Álvaro Llosa, nos deparamos com o seguinte termo “esquerda caviar”, onde o autor enquadra como sendo perfeitos idiotas aqueles que utilizam um discurso de miséria latino americana, para explicar nosso subdesenvolvimento. E ainda, coloca como sendo os proliferadores dessa ideia os intelectuais de esquerda, idealizando modelos de mudanças políticas que não passam de um idealismo barato. Uma das correntes de pensamento que aparecem na crítica de Álvaro é justamente a do zapatismo.

Aluden vehementemente a nuestra pobreza, sino que, con una mezcla de candor, de enajenación ideológica y de supina ignorancia, deciden que sólo nos queda, como única redención, el castrismo, el sandinismo, el zapatismo, el maoísmo y hasta el senderismo; cualquier cosa, menos la boba democracia que ellos mismos tienen en casa, y el vil capitalismo, sinónimo de explotación. (LIOSA, 2005, p.198).

Decidimos então pensar no que é o movimento zapatista contemporâneo. Pensando que a “invenção” de um México revolucionário,

ainda existe e que diferentemente da perspectiva de Artemio Cruz, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), reivindica a figura de Emiliano Zapata, não acreditando em sua “segunda morte”, mas em uma possibilidade de rememorar essa figura.

No livro de Álvaro Llosa, o autor escolheu algumas frases para demonstrar a “idiotice latino-americana”. Nas passagens elencadas aparece uma de Carlos Fuentes dizendo que o EZLN “es a primera guerrilla del siglo XX”.

Segundo John Holloway a “herança mais triste que o século XX nos deixa é a desilusão e a falta de esperança” (HOLLOWAY, 2002, p.04). Professor do Instituto de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Autônoma de Puebla é assim que Holloway abriu uma conferência no ano de 2000 em um discurso em que o autor faz uma apresentação bastante animada sobre os levantes de Chiapas, comandados pelo EZLN.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional é considerado uma organização formada por indígenas de várias etnias e também combatentes de esquerda. Organizados a partir de uma tática que prega a guerrilha como elementos motor para o processo revolucionário, em 1994, os militantes que haviam idealizado tal projeto, empreendem um ataque ao governo mexicano que acabou em confronto com o exército mexicano. Ao término as comunidades organizadas haviam dominado o território de Chiapas, colocando a necessidade de medidas mais incisivas para a resolução de antigos problemas, dentre eles a questão de terra no México.

Segundo o movimento zapatista, a Revolução Mexicana foi o primeiro grande acontecimento que estava vinculado a uma luta legítima em prol das camadas populares. Porém, como foi retratada na obra *A morte de Artemio Cruz*, o rumo que a revolução tomou, sufocou as intenções revolucionárias, e o marco desta reação ao processo revolucionário, foi à morte de Emiliano Zapata em 1919.

O fato de 1994 retomaria o projeto popular de Emiliano Zapata. Liderados pela incógnita figura do subcomandante Marcos, o movimento tem quase trinta anos de existência, colocando a questão social do México na mídia internacional, e chamando atenção para a histórica crise institucional vivida em solo mexicano.

John Holloway assevera que a grande contribuição dos zapatistas foi romper o vínculo entre Revolução e controle de Estado. Se a revolução não é a tomada do Estado, não seria a via desacreditar no processo revolucionário e sim construir algo totalmente novo, pensar o impensável. Para alguns, isso seria um discurso deveras romanceado, e até, além disso, como Álvaro Llosa, que aponta o movimento como dotado de uma deformação da realidade. Llosa, inclusive faz uma defesa ao modelo norte americano, onde aponta que os intelectuais que apoiam uma visão de esquerda sofrem de uma cegueira situacional, e cita novamente Carlos Fuentes, dizendo, que graças ao modelo de democracia liberal, Fuentes pode defender seus posicionamentos sofisticados em centro acadêmicos nos EUA, um discurso de esquerda utópico, Llosa defende que autoritário seria o modelo de esquerda.

Não nos interessa criticar os posicionamentos ideológicos aqui suscitados. O esforço foi a partir da obra de Carlos Fuentes, pensar através dos sentimentos que nos causou a leitura de *A morte Artemio Cruz*. O que foi refletido, é que existem caminhos possíveis de se inventar, de atribuir o ser. Uma das aberturas pode ser como Cruz, que no seu leito de morte procurou um sentido para sua vida de maneira a reavaliar o passado, diga-se, de modo desencantado. Outra leitura pode apontar para o que o EZLN faz, pensando essa construção como algo futuro.

Ponderando a ligação entre História e Literatura, é possível perceber como a o campo literário amplia as possibilidades do historiador, quando existe por parte deste último a curiosidade de atentar-se ao lugar de onde fala o autor. Indagar-se nesse sentido, como este lugar social influencia diretamente nas escolhas que faz e no modo que decide se “inventar” e “inventar” a sua obra.

O que podemos lembrar aqui, é que a Revolução Cubana de 1959, foi uma baliza importante para toda América Latina, e criou não só um discurso de mudança para o contexto latino americano. A influência do discurso construído criou uma polarização real, ao que aqui chamaremos de um embate entre esquerda e direita. Isso pode ser avaliado a partir das obras: *As veias abertas da América Latina* de Eduardo Galeano e utilizando como contraponto o *Manual do completo idiota latino americano* de Álvaro Vargas Llosa. Partindo do pressuposto que as representações criam disputas, os pontos de

referências criam diferenças autênticas e influenciam não só no campo intelectual, das ideias, mas também no que podemos chamar de realidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. In: **Revista de Teoria da História**, ano 1, número 3, junho/2010. Disponível em: http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO%205__BORGES.pdf?1325259086.

COSTA, Adriane Vidal. Os intelectuais, o boom da literatura latino-americana e a Revolução Cubana. In: **Anais...** XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH /São Paulo, julho 2001.

FUENTES, Carlos. **A morte de Artemio Cruz**. Editora: Círculo do livro S.A.

FUENTES, Carlos. **Entrevista**. Folha de São Paulo em 15/05/2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1090705-leia-a-ultima-entrevista-do-escritor-mexicano-carlos-fuentes-a-folha.shtml>.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOLLOWAY, John. O zapatismo e as ciências sociais na América Latina. **NOVOS RUMOS**. ANO 17 N. 36 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0236/NOR0236_02.PDF

LLOSA, Álvaro et al. **Manual del perfecto idiota latino-americano**. presentación de Mario Vargas Llosa Ed. Plaza & Janés.2005

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VIDAL, Hernan. El modo narrativo en La Muerte de Artemio Cruz de Carlos Fuentes. **THESAURUS**. Tomo XXXI. Núm. 2 (1976).

NOTAS

ⁱ Professor da rede pública e privada no Estado de Mato Grosso. Aluno regular do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, nível de doutorado. Email: graziano.uchoa@gmail.com